

**"TRABALHO DE DIA E ESCOLA A NOITE": UM ESTUDO SOBRE NARRATIVAS DE
APRENDIZAGEM DE INGLÊS EM CONTEXTO DA EJA.**

**"WORK BY DAY AND SCHOOL AT NIGHT": A STUDY ON ENGLISH LEARNING
NARRATIVES IN THE CONTEXT OF YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA).**

Mesaque de Oliveira Gomes¹
Jeová Araújo Rosa Filho²

RESUMO

O objetivo geral traçado para esta pesquisa é compreender as potencialidades e desafios que englobam a modalidade da EJA no contexto de ensino de inglês, de modo que essa compreensão mapeie aspectos que transitam entre escola, vida e sociedade. A partir disso, os seguintes objetivos específicos foram traçados: a) discutir sobre a relevância da EJA para a construção de um país democrático; b) compreender histórias de aprendizagem de inglês a partir das narrativas dos participantes, sistematizando sucessos e entraves; e c) traçar repercussões que possam contribuir com o ensino de inglês nos contextos da EJA. Para isso, as contribuições de Freire, Haddad e Di Pierro e Arroyo foram importantes para fundamentar teoricamente discussões concernentes a ensino, política e história voltados à EJA. Para o ensino de inglês na EJA, Medeiros e Silva deram o aporte teórico necessário. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da investigação é de cunho qualitativo com traços etnográficos, tendo como princípio gerador de dados as narrativas dos estudantes da EJA e uma perspectiva interpretativista de análise. Como suporte teórico-metodológico, os trabalhos de Luchtenberg, Ferreira e Dalla-Bona, Gil e Minayo foram de grande ajuda. Mediante a análise dos dados obtidos, pode-se afirmar que os objetivos da pesquisa foram alcançados. Assumir a importância da EJA para a educação e formação de indivíduos capacitados é e deve ser sempre mencionado em toda e qualquer discussão sobre escolaridade. Firmando o direito de todos à educação, sem distinção de idade. Para isso, foi necessário compreender as perspectivas dos alunos concernente ao processo de ensino e aprendizagem do inglês e de um modo geral ao sistematizar seus obstáculos e suas conquistas durante a caminhada na educação, visando as necessidades dos alunos. Deste modo, ao compreender as narrativas dos participantes concluiu-se que o ensino de inglês deve ser um processo contínuo de reformulação, buscando melhorias metodológicas e contextualizando-se ao meio em que está situado, a fim de tornar o ensino ainda mais completo e abrangente dentro dos requisitos mínimos estabelecidos pela sociedade, que é o de instigar o letramento do indivíduo.

Palavras-chave: EJA, Aprendizagem, Língua Inglesa.

¹ Graduando da Licenciatura em Letras-Inglês da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

² Professor orientador. Doutor em Estudos da Linguagem (UFSC) e Docente do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

ABSTRACT

The general objective of this research is to understand the potentialities and challenges surrounding Youth and Adult Education (EJA) in the context of English language teaching, so that this understanding maps aspects that connect school, life, and society. Based on this, the following specific objectives were outlined: a) to discuss the relevance of EJA in building a democratic country; b) to understand English learning experiences through the narratives of participants, systematizing both successes and challenges; and c) to identify repercussions that may contribute to English teaching in EJA contexts. To achieve this, the contributions of Freire (1987; 1996), Haddad and Di Pierro (2000), and Arroyo (2017) were essential in theoretical grounding discussions related to education, politics, and the historical aspects of EJA. Regarding English teaching in EJA, Medeiros (2017) and Silva (2015) provided the necessary theoretical framework. The research methodology adopted is qualitative with ethnographic elements, using student narratives as the primary data source and an interpretivist perspective for analysis. As theoretical-methodological support, the works of Luchtenberg, Ferreira e Dalla-Bona (2023), Gil (2002), and Minayo (1994) were highly valuable. Through data analysis, it was possible to affirm that the specific objectives were achieved. Recognizing the importance of EJA for education and the development of capable individuals is and should always be emphasized in any discussion on schooling, reinforcing the right to education for all, regardless of age. To this end, it was necessary to understand students' perspectives regarding the teaching and learning process of English and, in a broader sense, to systematize their challenges and achievements throughout their educational journey, considering their needs. Thus, by analyzing the participants' narratives, it was concluded that English teaching must be a continuous process of reformulation, aiming for methodological improvements and contextualizing itself within the environment in which it operates. This approach seeks to make learning more comprehensive and effective, meeting society's minimum requirements by fostering literacy and expanding educational opportunities.

Keywords: EJA, Learning, English Language.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de se elaborar diagnósticos sobre as realidades de aprendizagem de jovens e adultos no semiárido do RN, especificamente no que concerne à aprendizagem de língua inglesa. Dentro dessa perspectiva, é de grande importância desenvolver pesquisas de cunho etnográfico, através das quais as narrativas dos participantes sejam uma abordagem de acesso às suas experiências, assim como desenvolver pesquisas relacionadas ao ensino e aprendizagem de inglês na educação de jovens e adultos, uma vez que há uma ampla discussão entre a importância da aprendizagem dessa língua para a inclusão de pessoas no mercado de trabalho e para a garantia de acesso a produtos culturais diversos.

Deste modo, faz-se necessário obter conhecimentos de outras línguas, tais como o inglês, sendo essa a língua adicional mais utilizada ao redor do mundo. Conclui-se que, “[...] a língua inglesa traz benefícios para quem a domina, uma vez que ela domina o mundo globalizado.”

(Santos *et al.*, 2013. p. 27). Além disso, a escassez de pesquisas dentro dessa temática faz aumentar a necessidade de pensar a importância que esse contexto de ensino tem para com a educação.

Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo geral compreender as potencialidades e desafios que englobam a EJA no contexto de ensino de inglês, de modo que essa compreensão mapeie aspectos que transitam entre escola, vida e sociedade.

O interesse por essa pesquisa surgiu a partir da experiência no estágio supervisionado da faculdade, onde tive a oportunidade de atuar no ensino noturno e observar de perto a realidade dos alunos. Assim como eu, muitos deles precisavam conciliar os estudos com outras responsabilidades, como trabalho e família. Esse contato direto permitiu compreender melhor suas vivências, desafios e percepções sobre o ensino ao qual estavam vinculados, despertando em mim o desejo de aprofundar essa reflexão e dar voz às suas experiências dentro do contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Entender a preocupação que é a ausência da escolaridade para a formação do indivíduo é consequentemente compreender que, por diversos motivos, alunos da EJA foram, de certa forma, excluídos das escolas regulares, se levarmos em consideração o modelo padrão de ensino etário que percorre uma escala crescente de níveis de ensino e idade já pré-determinada. A relevância da EJA é tão grande quanto o desafio de fazê-la fluir da melhor forma. Segundo Feliciano e Ferreira (2017), as dificuldades estão presentes no ensino em geral, mas percebe-se que a EJA sofre com o contraste de seus alunos. O tempo reduzido para os estudos, o cansaço espelhado dentro da sala de aula, a diferença entre idades, a diversidade cultural, as preocupações existentes extra sala de aula também são empecilhos que comprometem um ensino de maior qualidade para jovens e adultos em particular. Enfrentar todos os desafios e concluir o processo de formação é uma conquista que merece ser transmitida.

A EJA é de suma importância para jovens e adultos que desejam recuperar os estudos. É a oportunidade daqueles que, por motivos maiores, acabaram se perdendo durante a caminhada escolar e pela necessidade, seja de melhoria de vida ou por um processo básico do ser humano (as competências da alfabetização), aptos a enfrentar as dificuldades e entraves durante esse processo de lapidação, já que são indivíduos que carregam diferentes tipos de conhecimentos, o que requer maior atenção aos detalhes no processo de ensino e aprendizagem.

Os alunos carregam conhecimentos prévios de mundo, que devem ser fundamentais no processo de escolarização, para não apenas entregar uma formação escolar, acadêmica ou profissional, mas também uma formação pessoal, de caráter informativo e de inclusão social. Embora carregue consigo grandes dificuldades, a EJA tem se potencializado ao longo dos anos, dando aos indivíduos a oportunidade de estabelecer relação com a educação formal.

Segundo Feliciano e Ferreira (2017) os recursos favoráveis ao desenvolvimento como cidadãos críticos, atuantes na coletividade devem ser sempre priorizados, pois “a aprendizagem da

leitura e escrita proporciona a inclusão das pessoas na malha social em ascensão a bens culturais e, quando adquirem novos conhecimentos conquistam a autonomia (p. 12)”. Dessa forma, mesmo que seja uma alternativa considerada tardia (dentro das faixas etárias escolares pré-estabelecidas), a EJA possibilita, juntamente com o estado, políticas públicas e educacionais que são favoráveis à inclusão dessas pessoas de forma participativa na sociedade e no mercado de trabalho.

Freire (1996, p. 47) dizia que “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Deste modo, a liberdade significativa do proceder da educação partindo de um bom arcabouço metodológico é a melhor maneira de se desenvolver a prática do ensino e a formação de um indivíduo letrado dentro das dificuldades mais aparentes que são um reflexo das dificuldades causadas pela própria sociedade.

Dentro de um contexto sociopolítico cultural desafiador de perspectivas, buscamos traçar um percurso de análise crítica sobre os pressupostos do ensino de jovens e adultos. Para isso, é preciso ressaltar a importância das contribuições de autores como Paulo Freire (1968) em *A pedagogia do oprimido*, obra que foi de grande contribuição para analisar e colocar em prática os conceitos de ensino de uma educação libertadora; Haddad e Di Pierro (2000) em *Escolarização de jovens e adultos*, orientando sobre todo um percurso histórico até chegarmos à EJA; e para um viés mais específico da língua inglesa, também é necessário ressaltar os estudos de Medeiros (2017) e Silva (2015), nos quais discorrem sobre o ensino de inglês EJA e como a língua estrangeira é uma atividade desafiadora, não apenas para o ensino de jovens e adultos, mas também para os demais contextos de ensino. Todo esse aparato teórico nos fundamentou no decorrer da pesquisa.

Em termos metodológicos, a pesquisa possui cunho etnográfico uma vez que se interessa pela descrição e análise de contextos sociais e relações interpessoais, tal como analisar profundamente os comportamentos, as crenças, os costumes e outras características da comunidade relacionados à vida, trabalho, família e estudos. Nessa perspectiva, nos orientamos por um viés qualitativo, uma vez que buscamos compreender e descrever as realidades dos participantes, com o propósito de gerar dados fundamentados nas opiniões e atitudes conscientes dos alunos da EJA entrevistados. Dessa forma, a pesquisa se fundamenta em uma perspectiva descritivista e interpretativista de uma determinada realidade contextual. Como suporte teórico-metodológico, utilizaremos os trabalhos de Luchtenberg, Ferreira e Dalla-Bona (2023), Gil (2002) e Minayo (1994).

A análise partiu das narrativas dos participantes, de modo que fosse possível relacionar o contexto sala de aula e vida do participante, sendo essa uma característica fundamental na construção formadora desses alunos. Nas páginas que seguem, apresentamos uma breve contextualização do ensino de jovens e adultos (seção 1), discutimos o ensino e aprendizagem de inglês em contextos EJA (seção 2), apresentamos os contornos metodológicos da pesquisa (seção 3), seguidos pela discussão dos resultados (seção 4) e considerações finais (seção 5).

1. CONTEXTUALIZAÇÃO POLÍTICA E HISTÓRICA NO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

O Ensino de Jovens e Adultos tem colaborado de forma bastante significativa na formação educacional de milhões de cidadãos. Historicamente falando, esse ensino se perpetua há séculos, desde o período colonial, se considerarmos que os missionários ensinavam em grande parte jovens e adultos. Mas apenas a partir da segunda metade do século XX foi possível pensar de forma mais sólida sobre essas questões, visto que, segundo Haddad e Di Pierro (2000) foi a partir desse momento que as políticas pedagógicas começaram a se desenvolver de forma mais concreta, possibilitando discussões futuras sobre cada tipo específico de ensino, tudo isso graças aos movimentos impostos por educadores e pela população. A busca por políticas de educação públicas que realmente atendessem a população fez com que, a partir dali se pudesse também dentro dessas condições mais favoráveis, pensar em políticas educacionais para os jovens e adultos, visto que, outrora isto se tornaria uma preocupação presente e futura, considerando que a situação brasileira, em termos educacionais na época, não era das melhores dentro do cenário mundial, como afirmam Haddad e Di Pierro (2000, p. 110):

[...] Os renovadores da educação passaram a exigir que o Estado se responsabilizasse definitivamente pela oferta desses serviços. Além do mais, os precários índices de escolarização que nosso país mantinha, quando comparados aos de outros países da América Latina ou do resto no mundo, começavam a fazer da educação escolar uma preocupação permanente da população e das autoridades brasileiras. Essa inflexão no pensamento político-pedagógico ao final da Primeira República está associada aos processos de mudança social inerentes ao início da industrialização e à aceleração da urbanização no Brasil.

O destrave da educação para todos era então firmemente debatida em meados do século XX. Durante as décadas de 1930 e de 1940, com a criação do INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos), o ensino para jovens e adultos já era pensado como forma de extensão etária, concedendo aos adultos a possibilidade de ensino. Porém, apenas a partir de 1945, o Ensino Supletivo³ foi regulamentado, voltado especialmente para aquela população analfabeta fora da faixa etária regular. Dois anos depois, foi implementado o Serviço de Educação de Adultos (SEA) como serviço especial do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde, voltado para as diretrizes primárias do ensino supletivo de jovens e adultos. Mais adiante, o SEA se denominaria CEAA (Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos). Ao que precede os anos seguintes, Haddad e Di Pierro fizeram questão de mencionar movimentos que estruturaram e fomentaram a relevância do ensino de adultos durante o início da década de 1960, que são:

³ Com base em Haddad e Di Pierro (2000), o ensino supletivo foi uma modalidade educacional criada no Brasil para atender jovens e adultos que não haviam concluído a educação básica na idade regular.

[...] campanhas e programas no campo da educação de adultos, no período que vai de 1959 até 1964. Foram eles, entre outros: o Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, estabelecido em 1961, com o patrocínio do governo federal; o Movimento de Cultura Popular do Recife, a partir de 1961; os Centros Populares de Cultura, órgãos culturais da UNE; a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal; o Movimento de Cultura Popular do Recife; e, finalmente, em 1964, o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, que contou com a presença do professor Paulo Freire. Grande parte desses programas estava funcionando no âmbito do Estado ou sob seu patrocínio. Apoiavam-se no movimento de democratização de oportunidades de escolarização básica dos adultos mas também representavam a luta política dos grupos que disputavam o aparelho do Estado em suas várias instâncias por legitimação de ideais via prática educacional (Haddad e Di Pierro, 2000, p. 113).

Embora várias discussões notórias dentro do âmbito da educação tenham sido postas durante esse período, na segunda metade da década de 60, um momento da história do Brasil muito complicado se instaurou e, não apenas a educação, mas também outras muitas questões envolvendo os direitos dos cidadãos foram interrompidos. O período militar se estabeleceu e acarretou congelamento de grande parte dos movimentos educacionais e, aqueles que restaram, foram significativamente remoldados por ideais políticos e religiosos que predominaram nesse período de intervenção política e social. Durante esse período instituiu-se o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) como uma reestruturação alternativa da criticada Cruzada de Ação Básica Cristã (ABC), que tinha como objetivo inicial atender a educação de forma geral, introduzindo também o ensino para os adultos, porém, acabou se desviando dessa finalidade, e, para suprir essa desconexão de interesses primários, o MOBRAL foi implementado com a promessa de ocupar os espaços de alfabetização e educação de adultos anteriormente preenchidos por programas ligados aos movimentos sociais ou ao governo derrubado em 1964.

Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p. 116-117), o MOBRAL não acarretou mudanças significativas esperadas durante um bom período em que esteve ativo e se distanciava dos interesses mínimos da UNESCO⁴ — órgão da Organização das Nações Unidas (ONU). Por esses motivos, veio a sua extinção em 1985 e substituído ainda no mesmo ano pela Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – Educar. Embora o MOBRAL ainda estivesse em curso durante a década de 70, vale destacar que o Ensino Supletivo (atual EJA) ainda era vigente durante esse período. Assim, “O Ensino Supletivo foi apresentado à sociedade como um projeto de escola do futuro e elemento de um sistema educacional compatível com a modernização socioeconômica observada no país nos anos 70” (Haddad e Di Pierro, 2000, p. 117). Ele era realizado por meio de escolas ou cursos especializados e, em geral, era composto por uma série de aulas e avaliações, que poderiam ser presenciais ou a distância. A partir desse momento, em 1974, o MEC propôs a

⁴ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. No Brasil, a UNESCO tem um papel importante no fortalecimento de políticas educacionais, incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

implantação dos Centros de Estudos Supletivos (CES), que se organizavam com o trinômio tempo, custo e efetividade.

A partir disso, de forma linear e temporal, correram-se as últimas décadas do século XX, com reestruturações e reconstruções em um ensino até então tão pouco desenvolvido, mas que por motivos maiores e necessários foi dado a chance de se reorientar através do tempo. Principalmente o que se precede ao ano de 1985; onde “adquiriram organicidade e institucionalidade, renovando as estruturas sindicais e associativas preexistentes, ou criando novas formas de organização, modalidades de ação e meios de expressão.” (Haddad e Di Pierro, 2000, p. 119)

Com a nova república agora no poder, mudanças significativas para as políticas educacionais puderam tomar forma, visto que, com a liberdade de expressão reativa, o âmbito de ensino estava de fato direcionado para uma sociedade mais ativa dentro do contexto político, o que acarretou mudanças para a inovação pedagógica e para a educação de jovens e adultos. A partir de 1990, várias reestruturações continuam a acontecer. Nesse mesmo ano, a Fundação Educar é também extinta, visto que, pouco se tinha mudanças significativas quando comparado ao antigo MOBREAL. Desde então, novas constituições foram implementadas, a nova lei de diretrizes e bases da educação (LDB 9.394) já havia sido posta em prática, dando agora espaço ao que hoje se denomina Ensino de Jovens e Adultos - EJA e desde então, discute-se qual seria a melhor forma de introduzir essa forma de ensino.

A educação da EJA é, ainda hoje, a realidade de vários estudantes no Brasil, mas para introduzirmos a necessidade da EJA, precisamos primeiramente fazer um balanço geral da real situação educacional do país. Segundo dados recentes do Censo Escolar da Educação Básica (2023) juntamente com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2016-2023) ou (PNAD), realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que, pelo menos, 8,8 milhões de brasileiros de 18 a 29 anos não terminaram o ensino médio e não frequentam nenhuma instituição de educação básica. Se considerarmos não limitar a faixa etária da população, estima-se que existam cerca de 68.036.330 cidadãos sem a escolarização básica no país. Números bastante relevantes quando consideramos que a população total do país supera os 203.000.000 (milhões) de habitantes, como garante pesquisa realizada pelo IBGE (2022-2023). Segundo dados do Censo Escolar, fatores como a evasão escolar no ensino médio e o atraso etário dos níveis de ensino decorrentes de reprovações, são alguns dos motivos que acabam colaborando para que esses índices educacionais negativos continuem aumentando. A partir desse ponto de vista podemos perceber a real necessidade de um ensino que acolha esses indivíduos que, por algum motivo, tiveram que largar o ensino básico.

Nos dias que correm, a EJA se estabeleceu como nomenclatura própria e faz jus ao Ensino Supletivo e as demais formas de ensinos voltados a essa educação, e perpassa diante do tempo e da história, porém, com finalidade diferente. A EJA hoje é vista como um processo educacional

voltado a atender jovens e adultos que não frequentaram a escola na idade certa, trazendo uma visão de inclusão dentro do contexto social ao qual está inserida. Como conhecemos hodiernamente, a EJA é ainda muito discutida dentro da comunidade escolar, visto que seus atributos espelham e conduzem o fomento da construção social e identitária daqueles que em um passado não muito distante se depararam com a realidade ou com algum outro motivo maior que os fizeram interromper os estudos, ou como comumente acontece, nem sequer tiveram a oportunidade de estudar. Para tanto, é necessário buscar entender também a singularidade dessa questão e explorar as motivações sociais e culturais dos indivíduos que se beneficiam desse ensino.

Para adentrarmos um pouco mais a respeito dessas questões intrigantes, devemos observar e perceber os participantes de forma mais sucinta, de modo que, possamos compreender seus pensamentos e o que implica para que situações como essa aconteçam. Por algum motivo, hoje em queda, o número de matriculados nesta configuração de ensino gira em torno de 2,5 milhões de estudantes, conforme o censo de 2023. Sendo 2,3 milhões na rede pública e cerca de 200 mil na rede privada. Levando em consideração a massiva parte da população brasileira não escolarizada, esse ainda é um número muito inferior, representando cerca de 27% de toda essa população. Deve-se, então, buscar entender o porquê disso. A maneira mais compreensível de se fazer isso é investigando de perto as motivações desses alunos.

Segundo o Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar (2021), a Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte, ancora-se na Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Para além das compreensões de Ensino de Jovens e Adultos, o ensino potiguar tem também como princípio a valorização da inclusão e equidade dos beneficiários EJA. Para tanto, “a diversidade dos sujeitos, a heterogeneidade de suas necessidades de aprendizagem, suas motivações e condições de estudo, o que implica na concepção e estruturação de uma EJA diversificada e flexível, acolhedora de percursos e ritmos formativos bem diversos” (SEEC/RN 2021, p. 59). Portanto, as características e especificidades dos participantes dessa modalidade de ensino são essenciais para desenvolver-se um ensino mais centrado dentro das características analisadas.

Com um grupo majoritariamente heterogêneo, a diversidade se faz presente quando em uma mesma sala de aula se encontram pessoas que “são homens, jovens, mulheres, indígenas, quilombolas, idosos, pescadores, ribeirinhos, pessoas LGBTQIA+ , povos tradicionais itinerantes ou fixos, trabalhadores em vulnerabilidade social e econômica, do campo e das cidades, livres ou privados de liberdade” (SEEC/RN 2021,p. 57). Dessa forma, cabe ao poder público entregar da melhor forma possível o que é de direito de todos, uma qualidade de ensino digna, visando compreender as especificidades de vida, trabalho, política e sociedade dos sujeitos.

2. A PARTICIPAÇÃO DE ALUNOS EJA NO CONTEXTO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE INGLÊS EM CONTRASTE COM A VIDA, POLÍTICA E SOCIEDADE.

O inglês na EJA é comumente empregado como uma possibilidade de ascensão profissional. Essa é uma perspectiva que se propaga não só nessa modalidade de ensino, mas também nas demais. Porém, ao se tratar de um público que por muitas vezes está convicto de que precisa concluir os estudos por melhorias no mercado de trabalho, é de fato um pensamento abraçado por eles. Ao que diz respeito à política educacional, o ensino de língua inglesa é obrigatório por lei:

“De acordo a Resolução CNE/CEB nº. 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, “a Língua Estrangeira é de oferta obrigatória nos anos finais do Ensino Fundamental” (artigo 18, parágrafo único) (BRASIL, 2000b). Esse mesmo artigo salienta que os cursos de EJA que se destinam ao Ensino Fundamental deverão obedecer ao que está previsto na LDB nº. 9.394 (BRASIL, 1996). Dessa feita, o art. 26 da referida lei diz, no § 5º, afirma que: “No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)” (BRASIL, 1996). No Ensino Médio, a mesma Resolução (BRASIL, 2000b) dispõe em seu art. 19 que o Ensino de Língua Estrangeira também deverá obedecer ao que está disposto na lei. Por sua vez, está escrito na LDB, art. 35, §4º, que “Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol [...]” (BRASIL, 1996).” (Medeiros, 2017, p.73)

Embora obrigatório, o ensino do inglês ainda sofre com cargas horárias muito reduzidas, o que dificulta a implementação das estratégias do professor EJA, que é a de transformar a realidade do aluno a fim de promover a participação do mesmo dentro da sua própria transformação e construção social. Porém, “mesmo com a carga horária reduzida, o professor de inglês da EJA precisa ter como meta, além de transformar realidades, integrar o aluno à participação social, transformar sua vida” (Medeiros, 2017, p. 73).

A metodologia de ensino do inglês deve-se então ser totalmente voltada à realidade do aluno, de modo que, sejam utilizadas referências do cotidiano desse aluno, a fim de incentivar o uso contínuo da língua não somente dentro do âmbito escolar, mas também fora dele, seja em casa, na rua, no trabalho ou nas redes sociais. Para tanto, cabe ao professor buscar do aluno o conhecimento dele. Conhecer a fundo as particularidades desses alunos é um destrave necessário para a consolidação de um ensino qualificado dentro dessas questões que envolvem muito mais do que simplesmente a instrução de conteúdos.

Não se nega as dificuldades existentes dentro dessa modalidade de ensino, de modo que, por obter um público heterogêneo, o ensino deve ser pensado de forma mais ampla, sem inferiorizar ou infantilizar um ensino para adolescentes, jovens, adultos e idosos. Segundo Silveira (2011), “não se pode separar o direito à escolarização, dos direitos humanos. [...] os *jovens-adultos*, mesmo que tenham estacionado o processo de escolarização, não *paralisam* os *processos de sua formação*

mental, ética, identitária, cultural, social e política." (apud Arroyo, p. 24-25). Portanto, reforçando a ideia de que a EJA é um contexto de aprendizado mútuo, "(...) quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém" (Freire, 1996; p. 12).

Partindo das concepções de Duarte (2003), Silva (2015) discorre sobre as deficiências no ensino de língua inglesa (LI) para adultos, levando em consideração três grupos, que são: "falta de hábito de estudo, de autoconfiança e de conhecimento da língua em estudo." Para tais dificuldades, ela propõe também três campos distintos do ensino e aprendizagem, que são: "o das habilidades de estudo, o emocional e o das habilidades linguísticas" (Silva, 2015, p. 50). São elas:

"A falta de competência no campo das habilidades de estudo é representada pela ausência do hábito de estudo, dificuldade na organização dos materiais, das tarefas e do tempo para estudar. Em relação à competência no campo emocional, temos a falta de autoconfiança, o medo e a insegurança para o enfrentamento das barreiras inerentes ao processo de aprendizagem. A competência no campo das habilidades linguísticas, que diz respeito à falta de conhecimento prévio da LI para que se possa dar continuidade à aprendizagem" (DUARTE, 2003).

Deste modo, o ensino de uma segunda língua para adultos acaba sendo mais complicado, visto que, os aspectos apresentados anteriormente estão diretamente ligados aos mesmos. Muitos dos alunos EJA admitem não ter pretensão alguma com o inglês, pois em seus contextos de vida, não veem a necessidade do uso dela. Porém, o que acontece de fato é que por trás de respostas rápidas e por vezes automáticas de negação a respeito da língua inglesa, temos pessoas que acabam por não se sentir à vontade ou confiantes com a possibilidade de aprender uma nova língua, quando por muitas vezes ainda sentem um pouco de dificuldade com assuntos da própria língua portuguesa e acabam por descartar a possibilidade de outra língua na sensação de que são incapazes.

Medeiros (2017) reafirma a necessidade de que o ensino de inglês deve ser instituído de acordo com a realidade dos alunos, possibilitando-os a utilização da LI, "(...) com palavras que eles já conheçam, oriundas do contexto dos estudantes e, depois, despertá-los para um estudo da língua mais aprofundado de modo que possam fazer uso da mesma nas redes sociais ou no ambiente de trabalho" (Medeiros, L.M, 2017, p. 73) e em situações do dia a dia. Dentro das ideias gerais de Silva (2009), "percebe-se, portanto, que há uma necessidade de a sala de aula de LI ser um ambiente muito interativo e colaborativo, pois a colaboração de cada um (alunos e professor) torna a aula de inglês interessante e produtiva para os alunos de todas as faixas etárias" (Silva, 2015, p. 53).

O ensino sempre foi uma prática de construção social. São várias as modalidades de ensino, porém há apenas um ensino totalmente libertador, que é o ensino que se adequa às particularidades de um modo geral. Segundo Freire (1987, p. 46), "A educação libertadora é, fundamentalmente, uma situação na qual tanto os professores, como os alunos devem ser os que aprendem; devem ser os sujeitos cognitivos, apesar de serem diferentes". Deste modo, entender a participação conjunta

desses dois importantíssimos personagens dentro do contexto escolar é também entender que não existem extremos.

O conhecimento é uma condição contínua, que está sempre em progresso. Deste modo, é necessário que tanto o professor quanto o aluno estejam aptos a compartilhar desses conhecimentos mútuos. Essa maneira de se pensar também deve perpassar os limites do “ensino” em particular, visto que a construção identitária não se dá apenas pelo conhecimento de instrução mais propriamente dito, mas também pelo conhecimento social e cultural. A EJA, em específico, reflete situações bastante adversas dentro do contexto de vida. Neste espaço o público alvo é inferiorizado, de certo modo esquecido e, por vezes, se encontram em situações precárias; são pessoas que sem ter opções se viram na obrigação de interromper os estudos por motivos maiores, que estão desempregadas, ou subempregadas; pessoas que compartilham obrigações extra sala de aula com suas famílias e trabalho. Por apresentar tal descrição no perfil dos participantes EJA, é que ela se faz necessária dentro do âmbito educacional e dentro das discussões que envolvem o ensino inclusivo.

De acordo com Arroyo (2006; p. 18), “Um aspecto que talvez tenha sido muito bom para a própria EJA é o fato de ela não ter conseguido nunca, ou nem sequer tentado, conformar-se no sistema educacional. Isso fez com que não se tentasse também conformar a formação do educador e da educadora da EJA num marco definido.” No sentido de ampliação, a EJA é e deve ser um modelo de ensino contínuo ininterrupto, visto que a necessidade de se buscar políticas públicas que se adequem a esse público alvo devem ser a todo momento desenvolvidas. Assim como foi historicamente mencionado, o ensino de jovens e adultos segue um currículo baseado em estruturas pedagógicas e está diretamente relacionado à educação democrática, deste modo, o currículo é pensado para o sujeito que se beneficia desse ensino. Isso se dá pela importância de a lei de diretrizes e bases ter acolhido a EJA, motivando a modalidade de ensino dentro dos contextos sociais.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

3.1 Natureza da pesquisa

Nesta pesquisa qualitativa e interpretativista foca nas subjetividades obtidas pelos participantes, que vão além de simples dados numéricos ou percentuais, tendo como base a observação participante no auxílio para adentrar em questões mais específicas retratadas em questionário. A pesquisa abrange as características individuais do processo de aprendizado dos alunos EJA dentro do atual ensino ao qual estão vinculados. Para isso, foi preciso analisar uma maneira eficaz de se obter tais dados específicos. Para tanto, foi pensado em um questionário físico para cada aluno, com perguntas relacionadas ao ensino, aprendizagem e as possibilidades dentro de

sala de aula. Portanto, ao que convém à natureza da pesquisa, a pesquisa qualitativa se enquadra perfeitamente dentro do que se é buscado aqui. Também foram definidos padrões de perspectiva dos participantes e de análise através de todos os dados obtidos vinculados às características interpretativistas de pesquisa, contextualizando todos os processos de aprendizagem dos alunos.

A pesquisa também é de viés etnográfico, pois dentro dos requisitos propostos para a sua realização, a participação direta de um grupo específico de pessoas (alunos EJA) é essencial para se obter a perspectiva dos próprios sujeitos e uma descrição mais profunda de uma dada realidade

A pesquisa de cunho etnográfico é também uma abordagem, que busca compreender práticas e significados, permitindo uma análise aprofundada. Dentro do contexto escolar, a pesquisa etnográfica nos permite analisar o ambiente escolar, as interações entre alunos e professores, as práticas pedagógicas e as influências culturais na aprendizagem. Luchtenberg, Ferreira e Dalla-Bona (2023) discorrem sobre as características gerais de uma pesquisa etnográfica, principalmente com relação ao contexto educacional, de modo que ela possibilita ao pesquisador uma maior aproximação no fenômeno de investigação, visto que a observação e o processo de análise é feito de maneira imersa, onde o pesquisador de fato vivencia as experiências dentro da perspectiva do participante e do objetivo da pesquisa. A coleta de dados é baseada em observação participante, entrevista e análise de documentos que possibilitam a produção de conhecimento.

3.2 Contexto de investigação e participantes.

A pesquisa contou com a participação de 6 alunos da EJA de uma mesma instituição pública de ensino e de turmas diferentes. Os dados foram obtidos através de perguntas feitas diretamente aos alunos mediante um questionário de forma digitalizada e entregue pessoalmente a cada um, a fim de analisar as respostas individuais. Portanto, todos os dados construídos e seus valores finais estão presentes no processo de investigação.

A tabela abaixo sistematiza características fundamentais para a compreensão geral dos participantes da pesquisa:

Quadro 1 - Perfil dos participantes⁵

	Gênero	Idade	Série	Trabalha	Motivação	O que pensa das aulas
Participante 1	Masculino	18 anos	1º ano	Sim	Trabalho	“Muito boa, bom ensino” ⁶
Participante 2	Feminino	18 anos	1º ano	Sim	Está acima da idade regular	“Boa”

⁵ Os participantes terão suas identidades preservadas. Deste modo, serão referidos como *alunos* e *alunas* em escala etária de 1 a 6.

⁶ A transcrição dos dados respeita exatamente a forma de escrita dos participantes durante todo o artigo.

Participante 3	Feminino	21 anos	2° ano	Não	Por ser mais tranquilo	“A maioria é interessante”
Participante 4	Não-binário	22 anos	2° ano	Não	Organização	“Normal, mas poderia ser mais fáceis”
Participante 5	Masculino	25 anos	3° ano	Sim	Trabalho	“Boas”
Participante 6	Masculino	31 anos	1° ano	Sim	Trabalho e falta de tempo	“São muito boas, porém muito resumida, pelo fato do pouco tempo...”

Fonte: Autoria própria (2025).

A pergunta de número 6 da seção de perfil do participante (anexo 2) tem como foco observar as motivações dos participantes em relação aos estudos na EJA. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta 6: Por qual motivo optou por estudar no turno da noite?

Aluno 1: *Trabalho ao dia todo.*

Aluna 2: *Fiz 18 anos e não posso estudar integral.*

Aluna 3: *Por ser mais tranquilo.*

Aluno 4: *É mais fácil para mim lidar com a organização e me sinto confortável* (relacionado a problemas pessoais).

Aluno 5: *Por conta do trabalho.*

Aluno 6: *Pela falta de tempo para estudar durante o dia.* (trabalho diurno).

Estudar à noite é, para muitos, a única opção possível diante da rotina intensa do dia a dia. Seja por conta do trabalho, da necessidade de organização pessoal ou da busca por um ambiente mais tranquilo, cada aluno carrega consigo uma história única, repleta de desafios e conquistas. Especialmente para alunos EJA, a jornada escolar se mistura com as responsabilidades da vida adulta, tornando essencial um ensino que compreenda e respeite essa realidade. Deste modo, metodologias flexíveis e um ambiente acolhedor fazem toda a diferença, permitindo que cada aluno se sinta parte desse processo e encontre motivação para seguir em frente. Mais do que transmitir conhecimento, a escola precisa ser um espaço de apoio, crescimento e transformação, onde cada trajetória seja valorizada e incentivada.

O perfil dos participantes é heterogêneo e não segue um padrão. As idades variam de 18 a 31 anos, sendo que são bem divididas nesse espaço de tempo, possibilitando obter narrativas diversificadas baseadas nas experiências de tempo e vida de cada um, desde o jovem até o mais experiente. Os respectivos anos escolares variam entre as três fases do ensino médio, partindo da ideia de amplitude, buscando abranger todas as camadas da escolaridade mais avançada.

Os participantes, em sua maioria, trabalham, sendo essa a maior motivação pela qual utilizam do ensino noturno, enquanto os demais afirmam que conseguem se organizar melhor em

relação ao tempo e que também acham o ensino utilizado “mais fácil”, abrindo discussões que vão além das condições escolares fornecidas.

Com relação às aulas, sentem-se na liberdade de defini-las apenas como “boas”, mas que em muitos dos casos, poderia haver melhorias significativas para uma melhor experiência. Para tanto, o quadro acima nos dá um detalhamento de cada participante a fim de estabelecer uma ideia introdutória sobre o que eles pensam a respeito da escola.

3.3 Estratégias para geração e análise de dados

Para a geração de dados, desenvolvemos um questionário com duas seções, sendo uma introdutória e outra com enfoque para narrativas de vida dentro e fora da escola. A seção introdutória (*quadro 1*) é composta por 7 perguntas (em anexo) de perfil de participante (uma delas informa o nome de cada aluno, porém, por motivos de sigilo dos participantes não será exposta nesta pesquisa). Com 10 perguntas (em anexo), a segunda seção está diretamente relacionada ao ensino e vida relativos ao contexto sala de aula e extra sala de aula, visando compreender a motivação individual de cada aluno cuja finalidade é a de investigar as histórias de aprendizagem a partir das narrativas dos participantes.

Os dados obtidos em questionário foram analisados considerando o contexto dos participantes e levando em consideração não apenas o processo de aprendizagem, mas também fatores que pudessem afetar positiva ou negativamente os alunos nesse processo. O ensino de inglês, suas relações de identidade, suas experiências vividas, suas motivações, o ensino, o ambiente escolar, o trabalho, cultura dentre outros temas concernentes aos participantes e a pesquisa.

Para uma melhor sistemática de organização dos participantes, os alunos foram enumerados ordenadamente de 1 a 6 sendo que 1 corresponde ao mais jovem e o 6 corresponde ao mais velho dos participantes.

4. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS: NARRATIVAS EM CENA

A partir de um viés interpretativista a respeito dos participantes da EJA, dos contextos socioculturais dos sujeitos e das narrativas de aprendizagem da língua inglesa nos possibilitou enxergar, através do ponto de vista dos próprios participantes, as suas experiências educacionais, com o propósito de capturar as múltiplas perspectivas dentro do ambiente educacional. A análise aqui apresentada foi realizada através dos dados obtidos em questionário referentes à segunda seção, a de narrativas, em que os participantes expressaram suas opiniões relacionadas às suas vidas dentro e fora da escola. Portanto, o questionário ao qual foram introduzidos nos deu um breve resumo em relação à vivência e a relação do ensino em suas vidas.

O questionário que diz respeito às experiências de ensino, contém 10 questões (em anexo). A primeira pergunta de interesse desta investigação teve como foco observar as opiniões dos participantes em relação ao ensino na EJA. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta introdutória: Qual sua opinião sobre o ensino que você recebe quando comparado aos demais?

Aluno 1: *Muito bom, não são ensinamentos comparados a escola particular, mas prefiro escola pública.*

Aluna 2: *É tudo muito diferente, ainda estou me acostumando, mais espero que seja um ano que eu aprenda muito.*

Aluna 3: *Razoavelmente bom, talvez apenas as matérias extras como a eletiva que ensina educação financeira devesse ser presencial com prioridade, mesmo não sendo mais do meu ensino, é algo pra pensar.*

Aluno 4: *Estranho porque não consigo me concentrar e isso me atrapalha muito, sinto que os outros compreendem com facilidade já eu não.*

Aluno 5 : *Minha opinião tou achando muito bom, que é um ensino muito importante principalmente pra gente da 3º série que esta priorizando nos que vamos fazer a prova do enen, esta cobrando muito da gente estudar fazer uma boa prova no enen e isso...*

Aluno 6: *Somente um pouco resumido pelo limite de tempo, mais porém os professores são mais flexíveis para a nossa faixa etária e tbm pelo fato da ocupação durante o dia, que nos limita estudar.*

Baseando-se nas primeiras respostas dos nossos participantes, podemos compreendê-las de maneira bastante ampla, partindo do ponto de vista de pessoas que trabalham, que têm dificuldades de concentração, que de alguma forma se sentem pressionados a aprender e que acham que o sistema de ensino ao qual estão vinculados é razoável e no limite do que precisam. Obviamente, que devemos levar em consideração diversos detalhes (como o fato da escola pública ter sim suas dificuldades quando comparada ao ensino particular, por exemplo). Mas, ainda conseguem entregar um ensino de qualidade para os alunos, ressaltando mais a atuação dos educadores, do que propriamente do sistema de ensino em si. Porém, como tudo, melhorias são sempre bem-vindas para que alunos como esses se sintam à vontade e na capacidade de aprender.

A segunda pergunta está diretamente relacionada ao horário de funcionamento das aulas e como isso pode afetar positivamente ou negativamente o processo de aprendizagem dos alunos. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta 2: Com relação ao horário de funcionamento das aulas, isso te permite ter uma melhor experiência com o ensino e aprendizagem?

Aluno 1: *Sim, pois eu também trabalho ao dia, esse horário a noite ensinam muito bem.*

Aluna 2: *Até agora está tudo ocorrendo bem, mais em processo de costume.*

Aluna 3: *Não exatamente, o horário de chegada não é favorável, então já chegou a atrapalhar um pouco.*

Aluno 4: *Creio que sim, até então está tranquilo.*

Aluno 5: *Mais ou menos porque sempre era no horário da tarde, esse ano foi o jeito a noite. Eu espero que seja um ano de muitas experiências boas e de aprendizagem.*

Aluno 6: Sim sem dúvidas, pois é o único horário que eu tenho disponibilidade.

As responsabilidades extra sala de aula são alguns dos fatores com maior peso. Alunos que precisam dividir as obrigações do dia a dia, seja no trabalho ou em casa, acabam por não ter outra alternativa a não ser estudar em um horário distorcido. Para alguns, a adaptação é algo recorrente. Porém, para a maioria, acaba sendo mais complicado do que esperavam que fosse.

Conciliar a vida, casa, família e trabalho por muitas das vezes pode ser um empecilho no processo de aprendizagem, mas cada aluno encara essas responsabilidades de formas diferentes. A terceira pergunta trata-se disso. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta 3: Como você concilia sua vida dentro e fora da escola?

Aluno 1: Normal.

Aluna 2: Fora passo o dia trabalhando e a noite estudando.

Aluna 3: Normalmente tento separar as coisas.

Aluno 4: Faço as atividades no fim de semana ou dias necessário pela manhã.

Aluno 5: Porque fora da escola já é uma coisa, tipo: você fora não pensa em estudar, não pensa no dia da manhã, já na escola penso em termina, presta mais atenção, em se forma, temos colegas que lhe dar forças pra estudar já fora não.

Aluno 6: Durante o dia trabalho, sou mini empreendedor, estou em processo de montagem da minha oficina de pintura, e a noite estou voltando esse ano a estudar para concluir o E:M.

As respostas dos participantes mediante as suas responsabilidades apresentam características diferentes, mas com sentidos iguais. Motivações e desmotivações diferentes, mas que acarretam todas em uma só, que é a dificuldade dentro do processo de aprendizagem. Assim como o trabalho, causador de exaustão física e mental, o acúmulo de responsabilidades, dificuldade de organização de tarefas e, por vezes, a falta de apoio extra sala de aula, que pode vir de amigos ou de casa como citado pelo aluno 5, também fazem com que esses alunos possam se sentir ainda mais desmotivados, já que carregam consigo experiências que consideram como frustrantes relacionadas a escola e que motivaram seus atrasos mediante a conclusão dos estudos.

Portanto, os fatores motivacionais são de suma importância durante esse processo. A representatividade desses alunos deve estar sempre presente. A pergunta de número 4 nos provoca a pensar um pouco a respeito disso. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta 4: Você se sente acolhido e representado dentro do atual sistema de ensino?

Aluno 1: Sim, muito bem tratado.

Aluna 2: Eu me sinto muito acolhida, pois tenho ótimos professores e me sinto muito confortável e diferente da que eu estudava acostumada no ensino fundamental e médio vejo muita diferença.

Aluna 3: Às vezes sim. Às vezes posso ser estranhada por conta da idade, mas isso é normal e não me incomoda.

Aluno 4: *Não muito, pois tenho TDH e fobia social e isso me afeta em tudo e não vejo ninguém que possa me ajudar.*

Aluno 5: *Sim, porque já mim sinto bem acolhido, pelos professores, pelos meus colegas de sala às vezes mim sinto, mas acolhido do que fora. Até porque sou uma pessoa que gosto de todo mundo.*

Aluno 6: *Sim com certeza, os professores até então são muito prestativos para com a gente, nos ajudam quando precisamos.*

A escola, como uma instituição de ensino, deve estar apta a receber todo e qualquer aluno de forma acolhedora, levando em consideração a possibilidade de reconhecer as dificuldades impostas juntamente com essa difícil missão de gerir pessoas. A escola deve ser um ambiente totalmente inclusivo, para tanto existem modalidades de ensino variadas, que estão postas em lei para garantir o processo de ensino e aprendizagem de todo e qualquer cidadão. Garantir a acessibilidade e a representatividade dentro do ambiente escolar não apenas promove a equidade, mas também fortalece o senso de pertencimento dos alunos, contribuindo para seu desenvolvimento integral e evitando situações como as dos alunos 3 e 4.

A 5ª pergunta do questionário está relacionada a metodologia de ensino e as ferramentas de ensino utilizadas pela escola e professores no intuito de saber o que os alunos pensam a respeito. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta 5: O que você acha do material e a maneira de ensino utilizadas em sala de aula? Justifique sua resposta.

Aluno 1: *Boa livros bons estado, comida boa, ensino muito ótimo.*

Aluna 2: *Eu gosto da maneira que eu estou aprendendo e me sinto a vontade da forma que estão ensinando dentro da sala de aula.*

Aluna 3: *A maneira de ensino é satisfatória. Mas alguns materiais como no laboratório estão em falta desde 2023.*

Aluno 4: *Normal, não é ruim porém tinha que ser mais fáceis e justas com todos.*

Aluno 5: *O material que a gente trabalha na escola, que a gente estuda e muito esclarecedor, e possível a gente estudar uma coisa mais a fundo. Acho muito importante isso.*

Aluno 6: *Como falei anteriormente o único ponto que vejo é só o fato de ser muito resumido, porém entendo que é por ter muito pouco tempo. Mais sim ambos são muito bons.*

A perspectiva dos alunos a respeito da língua inglesa é uma variável que se dá a partir de suas trajetórias e experiências de vida e como pensam sobre o ensino de LI e os materiais utilizados vai além dos recursos utilizados.

Na EJA, onde o tempo de aula é reduzido e os recursos podem ser limitados, é fundamental que as escolas adotem metodologias de ensino dinâmicas e acessíveis. Estratégias como a contextualização dos conteúdos com a realidade dos alunos, o uso de metodologias ativas e a aplicação de tecnologias simples podem tornar as aulas mais envolventes. A valorização do conhecimento prévio dos alunos e a adoção de um ensino mais prático e focado nas necessidades do dia a dia ajudam a manter a motivação e facilitam o aprendizado. Portanto, mesmo com desafios,

é possível oferecer uma educação de qualidade e significativa para os alunos, garantindo um aprendizado mais eficiente e auxiliando na permanência destes alunos.

A evasão escolar é um problema preocupante, pois afeta diretamente o futuro dos alunos que abandonam os estudos e perdem o tempo regular de ensino. A causa é incerta, visto que não segue uma regra, mas aspectos familiares, a indisposição causada pela desmotivação constante, dificuldades geradas por problemas psicológicos e principalmente a necessidade do trabalho, são os maiores motivadores dentro desse contexto de evasão. A questão 6 nos apresenta alguns desses aspectos e permite pensar além do contexto escolar. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta 6: Em algum momento já pensou em desistir? Por que?

Aluno 1: Às vezes, para trabalhar a noite também.

Aluna 2: Não, pois vejo e devo estudar para ter um futuro brilhante para me e minha família.

Aluna 3: Pelo horário de começo das aulas e por algumas matérias extras tomarem mais tempo do que deviam. Desrespeitando fins de semana, feriados e até mesmo dias de luto.

Aluno 4: Sim, porque perdi o sentido da vida e sonhos e dentre outros problemas como depressão.

Aluno 5: Sim, até porque já desistir varia vezes, agora pensei em termina, por conta de desistir porque tinha dias que não dava vontade de ir pra escola, achava algumas aulas chatas, mas quando parei pra pensar aí deu vontade de voltar.

Aluno 6: Desistir não é uma opção pra me dessa vez, pois perdi muito tempo desde a última vez que desisti.

A evasão escolar na EJA é um grande desafio, como demonstram os relatos dos alunos, que enfrentam dificuldades como a necessidade de trabalhar, problemas emocionais e desmotivação com o ensino. Muitos desistem por falta de tempo, cansaço ou dificuldades pessoais, enquanto outros ainda encontram forças para continuar, reconhecendo a importância da educação para seu futuro. É essencial que as escolas adotem medidas como flexibilização de horários, apoio psicológico, metodologias de ensino mais dinâmicas e acolhedoras, além de criar um ambiente que valorize o contexto de vida dos alunos. Incentivar o senso de pertencimento e mostrar os benefícios concretos da educação pode ser um fator decisivo para que esses estudantes se sintam motivados a seguir em frente e concluir seus estudos.

A sétima pergunta relacionada ao ensino de inglês tem o intuito de buscar entender o ponto de vista dos alunos com relação ao ensino de LI e tentar entender melhor a perspectiva da própria língua inglesa dentro da sala de aula e do contexto escolar. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta 7: Qual a importância que tem o inglês para você? Acha que é tão importante quanto as demais matérias?

Aluno 1: Sim, pois pretendo viajar para fora do país.

Aluna 2: O inglês é muito importante, pois abre várias possibilidades no meu vocabulário e podemos aprender para trabalharmos em conjunto com empresas internacionais.

***Aluna 3:** Apesar de não simpatizar com a cultura de onde essa língua é a principal falada, eu admito que é importante aprender, pois assim pode se ter contato com muitas outras culturas mais facilmente.*

***Aluno 4:** O inglês é muito importante porque consumo todos os dias em tudo.*

***Aluno 5:** Na verdade, eu não gosto muito dessa matéria inglês, acho um pouco chato, às vezes o professor não explica bem, ja as outras matérias eu já gosto.*

***Aluno 6:** Sim sem dúvidas, porém para a minha situação não vou precisar tanto, pois não pretendo seguir em faculdade, a minha finalidade é fazer cursos na minha área.*

Por vezes, o inglês pode ser visto como desnecessário dependendo de como é transmitido para os alunos. É comum, o aluno comentar que é chato, desnecessário e que não vai surtir diferença em sua vida, pois não se vê na necessidade de utilizá-la algum dia, como é o caso dos alunos 5 e 6, pois, na perspectiva de futuro deles, não utilizarão da língua para nada. Ainda que tenham contato, “muitas vezes eles se sentem desinteressados pelas aulas de LE (no caso deste estudo, LI), pois não conseguem relacionar a “nova língua” ao seu dia a dia ou ainda por não ter afinidade com a mesma.” (Silva, 2015, p. 51). Isso se dá pela falta de percepção sobre sua aplicabilidade no dia a dia. Geralmente é pensado de maneira superficial, relacionando o inglês apenas ao estilo de vida de quem quer viajar o mundo ou morar fora do país, mesmo essa sendo uma das suas grandes vantagens, já que é a mais atual língua universal. De todo modo, o inglês deve ser transmitido da melhor forma, com metodologias que enriqueçam a cultura e sociedade, para que esses alunos se sintam integrados. Portanto, a maneira como a LI é introduzida e aplicada na escola faz total diferença e viabiliza uma melhor experiência, motivando o interesse dos alunos.

Nos dias que correm, a LI está em todo lugar. Seja em um manual de algum produto que acabou de comprar, seja nas redes sociais, nos filmes e séries que assistimos ou até mesmo nas músicas que escutamos. O inglês pode ser de grande importância em diversos aspectos da vida, mesmo não estando geograficamente nos países que a utilizam como primeira língua. Portanto, a oitava pergunta busca compreender um pouco sobre o contato que esses alunos têm com a LI e a importância que esse contato pode ter para o desenvolvimento da mesma. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta 8: Tem algum contato direto com a língua inglesa? cite exemplos.

***Aluno 1:** Sim, amigos.*

***Aluna 2:** Ainda não mais quem sabe um dia.*

***Aluna 3:** Além das aulas eu consumo conteúdo em inglês, lendo HQ's não traduzidas e utilizo músicas para aprender palavras novas.*

***Aluno 4:** Música, artes, filmes.*

***Aluno 5:** Aprender outra lingua, ter mais contato com outro idioma, vivenciar novas culturas, estimular a criatividade e entre outros...*

***Aluno 6:** Não.*

O contato com a LI varia entre os alunos, sendo que alguns já inserem o idioma em seu cotidiano mediante amigos, músicas, filmes, artes e até mesmo HQ's em seu idioma original, enquanto outros ainda não possuem essa vivência. Essa diversidade de experiências demonstra o quanto o inglês pode ser aprendido de forma natural e dinâmica, fora do ambiente escolar, por meio do entretenimento e da interação social. Para aqueles que ainda não têm essa exposição ao idioma, é importante incentivar o uso de recursos acessíveis, como músicas, filmes legendados, para tornar o inglês mais presente em seu dia a dia. Portanto, “ensinar línguas tem de ter sentido para o aluno, é preciso valorizar seu conhecimento de mundo.” (Silva, 2015, p. 51).

A nona e penúltima pergunta do questionário diz respeito às aulas de inglês na perspectiva dos alunos, dando-os liberdade para expressar-se a respeito, e de, se possível, projetar mudanças importantes para uma melhor experiência durante as aulas. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta 9: O que você acha de suas aulas de inglês? Se pudesse mudar alguma coisa, o que seria?

Aluno 1: *Muito ótimo, não mudaria nada.*

Aluna 2: *Poderíamos mostrar de fato a realidade de outros países que fala de fato a língua inglesa.*

Aluna 3: *São boas, acho que só adicionaria algumas aulas com filmes e curtas legendados pra facilitar no aprendizado em novas palavras e pronuncia.*

Aluno 4: *Ter mais aulas já basta e a aula tinha que aprimorar e ir mais a fundo em ensinar os alunos.*

Aluno 5: *Muito chata, por mim não teria essa matéria.*

Aluno 6: *São boas, não mudaria.*

As perspectivas dos alunos em relação às aulas de inglês são variadas, refletindo diferentes níveis de interesse e envolvimento com o idioma. Enquanto alguns consideram as aulas boas e não fariam mudanças, outros sugerem aprimoramentos, como a utilização de filmes e curtas legendados para melhorar a pronúncia e a inserção de conteúdos que mostrem a realidade de países falantes da língua inglesa. Há também quem acredita que as aulas deveriam ser mais motivantes e dinâmicas, estimulando o aprendizado. No entanto, alguns alunos demonstram desinteresse total ou pouco interesse, chegando a considerar a disciplina desnecessária. Essas opiniões fazem repensar e reforçar a importância de tornar o ensino de LI mais interativo e conectado à realidade dos alunos, garantindo que possam enxergar seu valor prático no dia a dia. Portanto, Medeiros (2015) incentiva que os planos de aula precisam ser pensados e preparados a partir desses indivíduos que carregam em si muitos conhecimentos e experiências que podem e devem ser compartilhados em sala com seus pares e professores, para que em conjunto motivem-se a garantir que esse processo de ensino e aprendizagem seja feito de forma prazerosa e contínua.

Por fim, o questionário finaliza-se com um breve resumo das experiências dos alunos com relação ao ambiente escolar, colegas, disciplina de inglês e as dificuldades referentes à vida e estudo. As respostas seguem listadas abaixo:

Pergunta 10: Fale um pouco abertamente e dê sua opinião sobre escola, turma, a disciplina de inglês, as dificuldades que tem que enfrentar e ainda por cima se manter firme nos estudos.

Aluno 1: *Escola boa, turma só os conhecidos muito boa, a disciplina de inglês é muito importante para mim.*

Aluna 2: *Na minha opinião eu não tenho nada a reclamar, mais acho que se fosse abrir a oportunidade de aprender na prática a língua do inglês seria bem mais interessante.*

Aluna 3: *Quem trabalha na escola normalmente são bem simpáticos minha turma mudou um pouco, sinto falta dos que estudavam comigo, muitos desistiram por conta de empregos e família pra cuidar. Eu tenho problemas como toda pessoa. Mas queria muito terminar a escola.*

Aluno 4: *A escola tá cada vez mais difícil, as aulas estão bons e ruim o inglês e espanhol deveria ter mais atenção e não sei se irei conseguir terminar os estudos por conta do TDH e a fobia social.*

Aluno 5: *Na verdade a escola não tenho o que falar ela é muito boa, minha turma tô conhecendo agora mas tô gostando, sobre a disciplina por mim não teria, mas tudo bem até agora não tô tendo nenhuma dificuldade. mas vamos lá né tirando a dificuldade de inglês o resto tá ok...*

Aluno 6: *Bem, quando se trata da escola ela é referência pois daqui já saíram muitos formados atualmente, sobre minha turma a galera é de boa, sobre a disciplina de inglês não tenho muito o que falar pois sou novo aqui e ainda não tenho muita firmeza pra comentar sobre. Sobre dificuldades todos tem, ainda mais tendo que cumprir com o meu papel de dono de casa e empreendedor.*

A adaptação é um fator de permanência do ser humano. Sentir-se bem com o local, as pessoas e principalmente consigo mesmo é o primeiro passo para se iniciar uma jornada de conhecimento. Os alunos EJA enfrentam uma rotina desafiadora, equilibrando responsabilidades como trabalho, cuidados com a casa e a família, além de questões emocionais que podem incluir desmotivação, cansaço extremo, e até problemas psicológicos como ansiedade e depressão. Ainda assim, muitos persistem nos estudos noturnos, buscando melhorar suas oportunidades de vida e alcançar novos objetivos. O aprendizado do inglês, nesse contexto, pode parecer um obstáculo adicional, mas também representa uma ferramenta valiosa para ampliar horizontes profissionais e culturais. Para apoiar esses estudantes, é essencial que as escolas adotem metodologias mais acessíveis e motivadoras, oferecendo suporte emocional e formas de ensino que respeitem suas realidades, tornando a aprendizagem mais significativa e adaptada às suas necessidades.

O ato de “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (Freire, 1996, p. 16). Portanto, é importante saber que o público da EJA não deve se sentir inferiorizado, pois, não são pessoas incapazes de prover conhecimento. Arroyo (2005; p. 41) também reforça que, como modelo político e social da educação, o intuito da EJA é “contribuir nesses ideais de emancipação e libertação. Dar aos setores populares horizontes de humanização. Dá-lhes o direito de escolher, de planejar seu destino, de entender o mundo. De intervir”. Partindo da concepção de Arroyo (2005) e das contribuições Freireanas (1987; 1996) devemos pensar nessa modalidade de ensino como algo

dialogico, tratando o sujeito como individuo da sociedade e que está em constante construção. Dito isso, "os jovens e adultos que voltam ao estudo, sempre carregam expectativas e incertezas à flor da pele" (Arroyo, 2005; p. 42) e, portanto, dentro dessa perspectiva, "o conhecimento da história da EJA e especialmente da história de vida dos educandos, a diversidade de contextos e ao mesmo tempo a similaridade dos problemas e entraves, é essencial aos docentes" (Silveira, 2011; p. 02). A necessidade desse diálogo, portanto, filtra questões que perpassam o entendimento prévio e circunstancial expandindo as concepções de mundo dentro e fora da sala de aula, de modo que, a humanização dessa modalidade de ensino seja suficientemente satisfatória.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um instrumento fundamental para a justiça social e a democracia, garantindo o direito à educação a quem foi excluído do ensino formal. Segundo Haddad e Di Pierro (2000), sua trajetória reflete tanto a inclusão educacional quanto o reconhecimento dos sujeitos como cidadãos ativos na sociedade. Para que a EJA cumpra seu papel, é essencial uma abordagem dialógica que respeite as vivências dos educandos, fortalecendo sua autonomia e ampliando suas oportunidades. Este estudo busca fomentar reflexões e práticas pedagógicas mais inclusivas, reconhecendo a EJA como um direito legítimo e um agente de transformação social.

Com o auxílio das ideias gerais de Arroyo (2005) sobre vida, trabalho, família e ensino, percebe-se que as narrativas dos participantes evidenciaram tanto os desafios quanto os êxitos na aprendizagem da língua inglesa. Sob a ótica freireana (1996), percebe-se que a construção do conhecimento nessa modalidade de ensino ocorre de maneira dialógica, sendo essencial considerar as vivências, dificuldades e aspirações dos alunos. Os entraves relatados, como a falta de tempo para estudo e a ausência de metodologias contextualizadas, reforçam a necessidade de estratégias pedagógicas mais alinhadas à realidade dos educandos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dádiva de aprender é, por vezes, tirada das piores formas. Entender as pessoas que se beneficiam da EJA é também buscar entender o motivo pelo qual elas necessitam dela. O ensino de jovens e adultos é uma forma de recuperar aqueles que se desviaram de alguma forma do modelo formal de ensino, sejam pessoas que desistiram por motivos maiores e que também motivados por algo, decidiram voltar a tentar ou aqueles que nunca tiveram oportunidade, mas que mesmo com o passar do tempo se mantiveram persistentes em querer aprender. Saber as particularidades de cada um é uma tarefa muito difícil para qualquer educando. Mas entender que essas particularidades realmente existem e não ignorá-las faz total sentido e diferença dentro da realidade de cada beneficiário deste modelo de ensino..

Diante das perspectivas de Medeiros (2017) e Silva (2015), observou-se que um ensino de inglês mais inclusivo e significativo na EJA requer práticas pedagógicas que respeitem a diversidade dos sujeitos e promovam um aprendizado que dialogue com seus contextos de vida. Assim, este estudo aponta para a necessidade de políticas públicas e práticas docentes que valorizem a EJA não apenas como um espaço de escolarização tardia, mas como um direito fundamental que pode transformar trajetórias individuais e coletivas.

Os alunos compartilharam percepções importantes sobre pontos que precisam ser aprimorados no ensino de inglês na EJA, trazendo reflexões sobre como a aprendizagem poderia ser mais significativa e envolvente para eles. Uma das principais questões levantadas foi a necessidade de metodologias mais dinâmicas e interativas, que tornem o aprendizado mais próximo de sua realidade e os ajudem a estabelecer uma conexão real com o idioma.

A introdução de ferramentas e estratégias pedagógicas que proporcionem um contato mais natural com a língua inglesa dentro e fora da sala de aula pode ser um fator determinante para fortalecer a aprendizagem. Mais do que simplesmente ensinar gramática e vocabulário, é essencial despertar nos alunos a curiosidade pelo idioma, incentivando-os a enxergá-lo não apenas como uma disciplina escolar, mas como uma possibilidade de crescimento pessoal e profissional.

Mesmo que nem todos tenham o objetivo de aprofundar seus conhecimentos em inglês no futuro, é fundamental que o ensino seja conduzido de maneira que mantenha o interesse e a motivação dos alunos. Isso não apenas favorece um aprendizado mais eficiente, mas também contribui para sua permanência na escola, garantindo que se sintam valorizados e engajados no processo educacional. Criar um ambiente acolhedor, onde os alunos se sintam parte ativa do aprendizado, pode fazer toda a diferença na forma como interagem com a língua e com a escola como um todo.

Mais do que um debate acadêmico, este artigo busca dar voz aos estudantes da EJA e reconhecer suas trajetórias, desafios e conquistas referentes ao aprendizado do inglês. Afinal, aprender uma nova língua nesse contexto vai além da gramática e das regras; trata-se de abrir portas para novas oportunidades, fortalecer a autoestima e proporcionar um senso de pertencimento em um mundo cada vez mais globalizado. Que este estudo possa inspirar educadores, pesquisadores e formuladores de políticas a enxergarem o ensino de inglês na EJA como um caminho de transformação real, onde cada estudante, independentemente de sua história, tenha a chance de aprender de forma significativa e libertadora.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Passageiros da noite: do trabalho para a EJA**. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, M. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SOARES, L. (org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-32.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2023: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, S; DI PIERRO, M. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 14, p. 108-130, maio/ago. 2000.

SANTOS, A. *et al.* **A língua inglesa e o mercado de trabalho sergipano**. Aracaju: Cadernos de graduação. 2013. p. 19-28.

FELICIANO, C.; FERREIRA, D. **O perfil e os desafios enfrentados pelos alunos da educação de jovens e adultos - EJA**. MULTIVIX CARIACICA/ES, s.d.

Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar, publicado em 2021, em Natal, pela Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte.

LUCHTENBERG, J; FERREIRA, J; DALLA-BONA, E. **Pesquisa etnográfica de abordagem qualitativa na educação**. Revista Ft, n. 27, 2023.

MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MEDEIROS, L. **As dificuldades do ensino de Inglês na Educação de Jovens e Adultos na perspectiva de professores que atuam na área**. Polyphonia, RJ. v. 30/1, jan./jun. 2019.

SILVA, J. O ensino de língua inglesa na EJA: Uma experiência a partir do people 's museum. Universidade Federal de Pernambuco, Recife - PE, 2015.

SILVEIRA, S. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública - Síntese do texto de Miguel Arroyo. WebArtigos, 2011. Disponível em: <<https://www.webartigos.com/artigos/educacao-de-jovens-e-adultos-um-campo-de-direitos-e-de-responsabilidade-publica-sintese-do-texto-de-miguel-arroyo/72679>>.

Anexo:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Esclarecimentos

Este é um convite para você participar da pesquisa: **"TRABALHO DE DIA E ESCOLA A NOITE": um estudo sobre narrativas de aprendizagem de inglês em contexto de EJA**, que tem como pesquisador responsável, Mesaque de Oliveira Gomes.

A presente proposta de pesquisa justifica-se pela necessidade de se elaborar diagnósticos sobre as realidades de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil, especificamente no que concerne à aprendizagem de língua inglesa. O estudo é realizado sob orientação do Prof. Dr. Jeová Araújo Rosa Filho, tratando-se de uma monografia de TCC do curso de Licenciatura em Língua Inglesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Campus Caraúbas/RN.

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo geral compreender as potencialidades e desafios que englobam o ensino de jovens e adultos no contexto de ensino de inglês, de modo que essa compreensão mapeie aspectos que transitam entre escola, vida e sociedade.

Ao aceitar participar desta pesquisa, automaticamente, você será encaminhado para a seção 2 - perfil do participante. Em seguida, você será encaminhado para a seção 3, em que se dará a escrita de suas narrativas a respeito de suas vidas e o contexto no qual estão inseridos.

Além do preenchimento e envio do formulário, você participa de uma conversa. O dia do nosso encontro será agendado conforme a sua disponibilidade. A conversa deverá ser gravada pelo aluno responsável pela pesquisa para realizar a transcrição das respostas dos participantes. Neste momento, o participante terá o direito de escolher um pseudônimo e garantir a sua anonimidade sem deixar com que essa pesquisa interfira na sua identidade profissional.

O participante também deverá ter ciência dos riscos envolvidos ao participar desta pesquisa, como a exposição de situações que provoquem desconfortos pessoais e profissionais, pois estará nos autorizando a utilizar informações pessoais e profissionais. Caso qualquer tipo de desconforto aconteça, estaremos atentos para omitir qualquer informação desse tipo.

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pelo estudo ("TRABALHO DE DIA E ESCOLA A NOITE": um estudo sobre narrativas de aprendizagem de inglês em contexto de EJA), declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir com os procedimentos metodológicos esclarecidos e fazer cumprir os direitos assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade dos participantes.

Em relação a gravação das conversas, asseguro também que serão unicamente utilizadas para a realização das transcrições em contribuição desta pesquisa, garantindo a preservação de seus dados sem comprometer a sua identidade pessoal e profissional.

Li e aceito as condições do TCLE

Obs: ao aceitar, você concorda com os termos e as condições expostas anteriormente e dará continuidade à pesquisa.

() Sim

() Não

Primeiramente, quero agradecer por decidir colaborar conosco garantindo a sua participação. Sua opinião é de extrema importância para que possamos dar continuidade à realização desta pesquisa.

Enfatizo, novamente, que a identidade de cada participante será protegida durante todo o tempo de pesquisa.

Perfil do participante.

Para darmos início, precisamos primeiramente, de algumas informações pessoais que consideramos importante para a composição dos informantes da pesquisa.

1. nome completo:
2. Qual a sua identidade de gênero?
3. Sua idade:
4. Em qual ano/série está?
5. Você trabalha fora do horário em que estuda?
6. Por qual motivo optou por estudar no turno da noite?
7. O que você acha das suas aulas?

Narrativa Escrita.

Vamos falar um pouco sobre a sua experiência em relação ao ensino no qual estão vinculados. Elaboramos algumas questões abaixo, para que possamos entender melhor sobre suas ideias e conceitos pré-definidos sobre vida e ensino.

- 1. Qual sua opinião sobre o ensino que você recebe quando comparado aos demais?**

- 2. com relação ao horário de funcionamento das aulas, isso te permite ter uma melhor experiência com o ensino e aprendizado?**

- 3. Como você concilia sua vida dentro e fora da escola?**

- 4. Você se sente acolhido e representado dentro do atual sistema de ensino? Conte-nos um pouco sobre sua experiência.**

- 5. Oque você acha do material e a maneira de ensino utilizadas em sala de aula? justifique sua resposta.**

- 6. Em algum momento já pensou em desistir? por que?**

7. Qual a importância que tem o inglês para você? acha que é tão importante quanto as demais matérias?

8. Tem algum contato direto com a língua inglesa? Cite exemplos.

9. O que você acha de suas aulas de inglês? Se pudesse mudar alguma coisa, o que seria?

10. Fale um pouco abertamente e dê sua opinião sobre escola, turma, a disciplina de inglês, as dificuldades que tem que enfrentar e ainda por cima se manter firme nos estudos.

Assinatura do aluno

Quero agradecer por decidir colaborar conosco garantindo a sua participação. Sua opinião é de extrema importância para que possamos dar continuidade à realização desta pesquisa. Enfatizo, novamente, que a identidade de cada participante será protegida durante todo o tempo de pesquisa.